

## INTRODUÇÃO

Ao ser convidada para escrever a respeito de Debora Minuzzo, minha orientanda de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio à qual essa edição da revista *Diversitates* é dedicada, deparei-me com uma tarefa que, apesar de gratificante, também se revelou bastante exigente. Uso o termo exigente não por encontrar qualquer constrangimento ou dificuldade para discorrer sobre a trajetória intelectual e pessoal de Débora. Ao contrário, aluna muito séria, bem educada e extremamente delicada, além de orientanda competente e exemplar, falar de Debora só poderia ser, em princípio, tarefa muito fácil e prazerosa. E o seria, de fato, não fosse o fato incontornável de nos vermos, abruptamente, obrigados a falar de Debora no passado, confrontados à inevitável ruptura de laços e vínculos que sua morte produziu.

A morte abre um eloquente vazio que, como já enfatizaram veementemente filósofos, historiadores e antropólogos, sinaliza perigo de forma conspícua: o desaparecimento de alguém, de um ente socializado, isto é, que foi transformado em ator social através de vínculos humanos e societários que são, justamente, aquilo que a morte interrompe, constitui uma ameaça de morte à própria sociedade. Como desaparecimento e como “passagem”, a morte coloca sempre, de alguma forma, em situação de risco aqueles que estão vivos. Resta-nos, então, sob risco, impossibilitados de dar continuidade àqueles vínculos que mantínhamos com o morto, tentar resgatar, como for possível, as marcas, a presença, tudo, enfim, que fez daquela pessoa como ela era, o que era e, como humana, parte de um todo e, ao mesmo tempo, necessariamente singular.

Ao tentar empreender esse resgate de Debora, sua vida, não obstante breve, oferece rico material para reflexão. Certamente, todos nós, que a conhecemos e com ela nos relacionamos, e das mais diferentes maneiras, teremos muito o que dizer a esse respeito. Limito-me aqui a registrar algo que me chamou a atenção e que se refere à maneira decidida como Debora conduziu sua vida e optou com convicção por determinadas inserções e caminhos. Pensando nas marcas, vínculos e ligações de Debora com as mais diferentes redes de pessoas e instituições, há que se registrar que o grande número de pessoas que compareceram e manifestaram seu pesar durante a cerimônia de seu sepultamento é extremamente significativo. Mais além desse fato, constato também uma forte afinidade entre seus temas de estudo – todos constituindo reflexões

críticas enfocando preconceitos e discriminação entre grupos estigmatizados e subalternizados. Desde a primeira pesquisa realizada como monografia de final de curso na graduação em Ciências Sociais na UERJ, em que discute o aborto na sociedade brasileira – “Entre a cruz e a calderinha: visão das mulheres católicas brasileiras sobre o aborto”, orientada pela Profa. Cecilia Loreto Mariz -, passando pelo mestrado em Portugal, na Universidade de Évora, quando se debruçou sobre um assunto tão difícil e delicado quanto as representações sociais, a experiência e a imagem corporal de homens pacientes de hanseníase, afirma-se uma disposição notável para enfrentar não somente desafios intelectuais mas também preconceitos sociais, sobretudo em se tratando de uma pesquisadora tão jovem.

Tentando refletir sobre essas suas escolhas temáticas e por algumas marcas igualmente reveladoras de uma grande abertura para o “outro” que certamente fecundaram sua vocação sócio-antropológica, acredito que elas sejam inseparáveis de suas inserções e engajamentos como cidadã e militante em prol de causas como a do Movimento de Reintegração dos Pacientes Atingidos pela Hanseníase – MORHAN – assim como da cidadania LGBT, através de seu trabalho junto à ONG Arco-Íris-Cidadania LGBT.

A tese com que deveria concluir seu doutoramento, que acompanhei de perto desde 2009, tinha por título e temática “O corpo na dança clássica, moderna e contemporânea”, a sugerir uma mudança abrupta de trajetória teórica e intelectual. Mantinha-se, porém, na pesquisa para a tese o foco na reflexão sobre o corpo, iniciada na graduação com a monografia sobre o aborto e posteriormente desenvolvida durante o mestrado na abordagem do paciente de hanseníase através de uma antropologia médica ou da saúde. O estudo da corporalidade permanecia e estava certamente sendo enriquecido e complementado no doutorado com a leitura de outros autores, antropólogos contemporâneos e clássicos que, como Le Breton, Csordas e outros, colocavam Debora em contato com novas perspectivas para o estudo antropológico da corporeidade através da dança. Quanto a outro aspecto levantado, o do forte engajamento com os sujeitos e as causas sociais subjacentes às pesquisas realizadas, a permanência deste compromisso no decurso do doutorado pode ser facilmente avaliada quando se leva em conta que Debora, poucos meses antes de nos deixar, havia iniciado trabalho de campo para sua pesquisa de tese no Retiro dos Artistas no Rio de Janeiro. Assim é que, quando faleceu em 18 de novembro, já havia entrevistado alguns bailarinos e dançarinos ali residentes, buscando desenvolver uma reflexão

sobre o corpo na dança clássica, moderna e contemporânea através da abordagem do envelhecimento e de seus significados específicos no mundo contemporâneo, justamente o que esperava investigar junto aos anciãos residentes desse asilo.

O artigo de Debora sobre a cidadania e a globalização publicado nessa edição – que foi apresentado inicialmente como trabalho de curso do doutorado para a disciplina Teoria Social, ministrada por mim e pelo Prof. Paulo D`Ávila, em 2009 – pode ser, num certo sentido, tomado como uma ilustração da seriedade e da abordagem crítica aqui já várias vezes mencionada. Mobilizando diversos autores da teoria social contemporânea - Zizek, Bauman, De Certeau, Canclini, Harvey, Said e outros - Debora procura com esses autores refletir sobre a cidadania na globalização justamente através de uma figura, tão incômoda quanto reveladora, do imigrante, o “outro”. Mais além de mero registro das indicações e reflexões dos autores mencionados, Debora realiza um exercício autoral, procurando desenvolver a análise das contradições do chamado processo de globalização. Convido agora o leitor, finalmente, a conferir por conta própria as observações aqui registradas. E a prantear, como eu, a perda precoce de tão rica pessoa e tão promissora antropóloga.

Sonia Maria Giacomini